

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# O lamaçal

O país político está transformado num autêntico lamaçal. O que assistimos durante esta semana é apenas a confirmação de que não somos governados por gente decente, mas por pessoas que põem a sua pele à frente dos interesses do país, mentindo a toda a hora, resolvendo os problemas ao sopapo e arrastando as instituições para uma degradação nunca vista.

Por menos do que isto António Guterres demitiu-se, corajosamente, quando era um primeiro-ministro sem poder para controlar o que chamou de “pântano”.

Guterres foi íntegro politicamente e hoje está onde está.

António Costa não possui a mesma decência, está envolvido no lamaçal ao segurar o ministro trapalhão Galamba e, com tudo isto, perde credibilidade para ocupar qualquer cargo na Europa. Nunca será um segundo Guterres.

O Presidente da República, que gosta de ver ao longe, arrisca-se a levar com os respingos de toda esta lama política, caso continue a assistir a toda esta degradação, na varanda do seu palácio, sem mostrar mão firme perante um país desgovernado e degradado.

Depois do que assistimos nestes dias, que autoridade moral e política tem o ministro das Infraestruturas para decidir sobre assuntos tão cruciais para o país, a começar pelo futuro da TAP?

Que autoridade tem António Costa ao segurar ministros sem credibilidade, confrontando o Presidente da República e demonstrando que não tem mão na governação?

E o escandaloso papel do SIS em todo este filme de terceira categoria?

Hitchcock, se fosse vivo, tinha aqui um guião fantástico para mais um filme policial, com protagonistas profissionais do crime, da ansiedade, do drama, terror, sequestros e burlesco.

Como escreveu, com a sua conhecida e implacável ironia, o nosso amigo escritor Urbano Bettencourt, **“havia o romance sentimental e o romance policial. Agora passou a haver também o romance infraestrutural (que até tem alguma coisa a ver com o género policial). É um género de invenção lusitana, suportado pelo discurso directo (paleio dialogado) e pelo erário público; a acção passa-se em ambiente fechado (propício à claustrofobia e às tonturas) e conta com um número variado de protagonistas (nenhum deles recomendável)”**.

Realmente, os protagonistas de todo este lamaçal não são recomendáveis a ninguém, muito menos a um país e a um povo que acaba sempre por sofrer as consequências de tanta vergonha.

Sócrates, ao pé destes seus camaradas, é um menino de coro.

## Açorianos são dos que têm menos consultas com especialistas

A proporção dos residentes na Área Metropolitana de Lisboa que tiveram consultas com especialistas foi maior (56,4%) do que nas restantes regiões e fizeram-no mais vezes no período de referência (25,7% com três ou mais consultas).

Os residentes no Algarve (46,5%) e nas Regiões Autónomas dos Açores (48,2%) e da Madeira (47,6%) registaram as proporções mais baixas.

Os dados são revelados pelo INE no Inquérito sobre as Condições de Vida e Rendimentos 2022.

A percentagem das mulheres que referiram ter consultado um médico especialista (57,8%) era superior à dos homens (46,6%), e a proporção de pessoas que recorreram a médicos especialistas era maior nos grupos etários mais elevados: mais de 60% na população idosa, que compara com percentagens inferiores a 50% na população com menos de 45 anos.

### Reformados com mais consultas

A população reformada foi a que referiu maior frequência de consultas médicas desta área (65,9%), por

comparação com a população em situação de desemprego (41,2%) ou com emprego (49,0%), sendo também a que referiu maior número de consultas (29,7%).

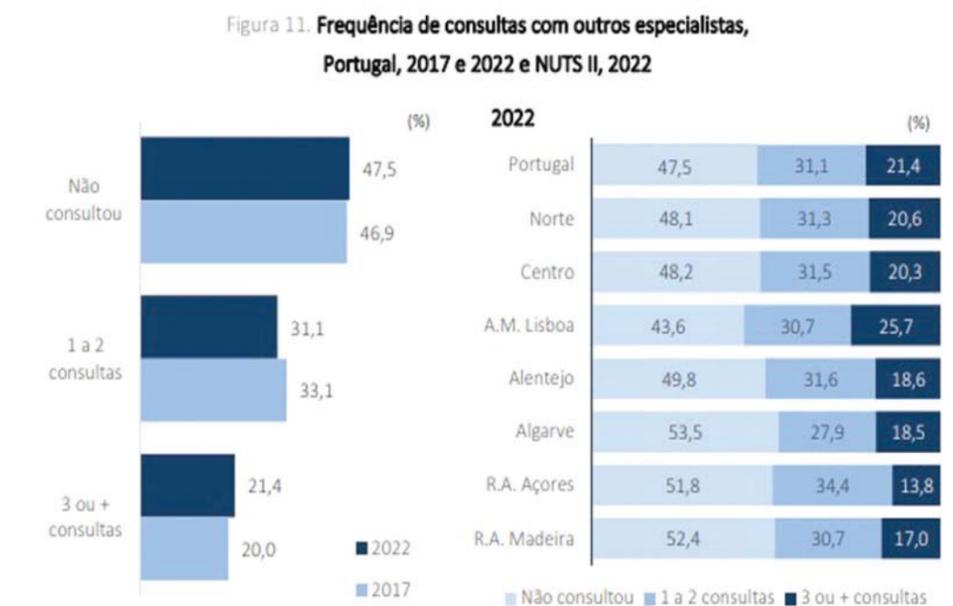
A população mais escolarizada referiu ter consultado um médico especialista mais vezes (65,0%) do que os que tinham até ao ensino básico (50,8%) e dos que tinham completado o ensino secundário (49,9%).

### Consultas com dentistas

No mesmo período, a população em risco de pobreza indicou ter recorrido a estes cuidados de saúde menos frequentemente (43,6%) do que a população sem risco de pobreza (54,2%).

A população residente com 16 ou mais anos que consultou médicos de outras especialidades (excepto dentistas e ortodontistas e medicina geral e familiar) nos 12 meses anteriores à entrevista (2021/2022) foi de 52,5%, proporção ligeiramente inferior à estimada para 2017 (53,1%).

Em 2022, 57,4% da população residente com 16 ou mais anos re-



Fonte: INE, Inquérito às Condições de Vida e Rendimento 2017 e 2022.

feriu ter tido uma consulta de cuidados dentários nos 12 meses anteriores à entrevista, proporção mais elevada do que em 2017 (53,4%). Dos que tiveram uma consulta de saúde dentária em 2021/2022, 34,4% fizeram-no uma ou duas vezes e 23,0% fizeram-no três vezes

ou mais.

As consultas com dentistas ou ortodontistas eram mais frequentes na população dos 16 aos 44 anos (entre 65% e 68%) e menos frequentes para a população com 65 ou mais anos (menos de 50%), conclui o inquérito divulgado pelo INE.